



# O Livro *das* Últimas Cartas

Inspirado numa emocionante história verídica,  
uma enfermeira escreve as cartas de soldados feridos.

KERRY BARRETT



*Às enfermeiras e cuidadoras de todo o mundo*

## PRÓLOGO

### Elsie

*Verão de 1941*

Acordei assustada, com o coração aos pulos, e demorei um minuto a lembrar-me de onde estava. O mesmo pesadelo outra vez, o mesmo que me atormentava desde que saíra de Londres. No meu sonho, o livro tinha sido encontrado e passado de mão em mão. Toda a gente sabia o que se passara. Tudo o que eu tinha feito. «Como foste capaz?!», acusavam-me com os rostos contorcidos pelo ódio, de dedos em riste. «Como pudeste fazer uma coisa tão horrível?»

Sabendo que não conseguiria voltar a adormecer depois daquele sobressalto, enxuguei o suor da testa e alcei as pernas para fora da cama. Desconfortável, com o bebé cada vez maior dentro de mim, alisei a camisa de dormir sobre a barriga redonda e fui até à janela para espreitar a cidade silenciosa. Estava tudo calmo. Ainda dormiam todos, embora o sol já se vislumbresse no horizonte.

Sentindo o coração acalmar, respirei fundo e agradei aos céus por estar ali, a salvo, longe das bombas e das sirenes...

Tinha acabado, disse a mim mesma com firmeza. O livro tinha desaparecido. Estava enterrado por baixo dos escombros, para nunca mais ser encontrado. Ninguém saberia o que eu tinha feito.

# Elsie

1940

Era espantosa, pensei enquanto subia a custo os degraus do abrigo dos nossos vizinhos, a rapidez com que nos tínhamos habituado a fazer uma coisa que seria absolutamente impensável um ano antes. Custava-me acreditar que tinha conseguido dormir durante aquilo que a nossa vizinha, a Sra. Gold, me disse depois ter sido um bombardeamento particularmente feroz.

— Mal preguei olho — queixou-se ela quando acordei. — Só me permiti descansar quando as sirenes tocaram o fim do alerta.

Espreguiceei-me, ouvindo a minha coluna estalar de forma satisfatória, e olhei à volta. As coisas não estavam tão más como no East End, mas os bombardeiros pareciam ter seguido a linha dos caminhos de ferro que passava atrás das casas, e tínhamos sofrido alguns impactos. Via-se fumo ao longe e o ar estava carregado de pó, mas as casas da nossa rua ainda se mantinham de pé.

— Obrigada — disse eu à Sra. Gold, que me tinha seguido para fora do abrigo, piscando os olhos na luz ténue da alvorada. — Tenho de trabalhar logo à noite, e por isso não vou estar aqui.

— Então e a Nelly? — perguntou ela, sacudindo uma coisa qualquer da manga do meu casaco. Tinha aprendido rapidamente que mais valia agasalhar-me quando passava a noite no abrigo.

— Fez mais um turno durante a noite — respondi. — Uma das enfermeiras do serviço dela perdeu a casa num bombardeamento,

e ela ofereceu-se para a substituir enquanto a colega se organizava. Mas já deve estar em casa, a esta hora. — Olhei para o relógio. — Meu Deus. É muito mais tarde do que eu pensava. Nem acredito que dormi tão bem.

A Sra. Gold, que devia ser apenas dez anos mais velha do que eu, mas que nos tratava, a mim e à Nelly, como se fôssemos suas filhas, deu um estalinho carinhoso com a língua.

— Vocês esforcem-se tanto — suspirou. — Não admira que estejam cansadas.

Sorriu-me, ajeitando um dos rolos por baixo da rede do cabelo.

— Bem, é melhor despachar-me. Não queremos que os rapazes lá no escritório sejam obrigados a bater os seus documentos aborrecidíssimos à máquina, pois não?

Retribuí-lhe o sorriso, reparando na sua expressão inocente. Eu tinha quase a certeza de que a Sra. Gold não era uma «simples datilógrafa», como ela afiançava, uma vez que já a tinha visto com uns papéis de aparência muito importante, e também porque passava longos períodos fora de casa de vez em quando. Mas não disse nada. Em vez disso, acenei-lhe enquanto a via atravessar o jardim até à cozinha, onde o Sr. Gold estava a fazer chá. Eu nem sequer tinha dado por ele se levantar e sair do abrigo, de tão profundamente que estava a dormir.

Ainda um pouco ensonada, segui pelo corredor lateral junto à casa dos Golds que dava para a rua. Embora tivéssemos uma porta dos fundos para o jardim, eu gostava sempre de entrar pela porta principal depois de uma noite no abrigo. Queria ver o que tinha acontecido enquanto nos escondíamos debaixo da terra.

Voltei a espantar-me — como acontecia quase todas as manhãs — com a perseverança de Londres e das suas gentes. Parecia um dia perfeitamente normal, se fizéssemos de conta que não se sentia o cheiro do fumo no ar e se ignorássemos o monte de escombros na esquina, resultado do bombardeamento da noite anterior, o qual destruíra três casas inteiras e metade da casa da família Evans,

na rua mesmo ao lado da nossa, deixando-lhes a sala cortada ao meio, como se a tivessem trinchado com uma faca.

Um autocarro acelerou junto ao passeio (mais um sinal de normalidade, embora estivesse coberto de pó) e eu recuei para evitar ser salpicada quando ele passou sobre uma poça, encaminhando-me para a nossa entrada, apalpando a chave na algibeira do casaco para ter a certeza de que conseguia entrar em casa.

— Nell? — chamei, baixando-me para apanhar o correio caído em cima do tapete.

— Estou na cozinha! — respondeu ela.

Tirei o casaco e pendurei-o no corrimão, antes de ir ter com a Nelly. Ela estava sentada na cozinha, ainda com as roupas de sair à rua, a cara enfarruscada e os olhos raiados de vermelho pelo cansaço.

— Há uma carta para ti — disse eu, entregando-lha. Ela pegou no sobrescrito e deu-lhe uma olhadela rápida antes de o atirar para cima da mesa. — Que tal a noite?

— Parecia que nunca mais acabava. — suspirou. — Devia ir deitar-me, mas ainda estou a ferver com a adrenalina.

— Eu faço-te um chá — Enchi a chaleira e acendi o fogão com um fósforo. — Porque é que não tomas um bom banho? Talvez assim descontraias um bocadinho.

A Nelly abanou a cabeça.

— Dá demasiado trabalho — disse ela. — Vou beber o chá, e depois passo-me só por água e vou para a cama. — Franziu a testa. — Se calhar também devias deitar-te um bocado, se vais fazer o turno da noite.

— Tenho de sair mais cedo, para ajudar com os cobertores — expliquei. Havia uma falta absurda de cobertores no hospital, e era quase um trabalho a tempo inteiro separá-los e distribuí-los pelas enfermarias. Tinha ouvido algumas amigas contar que nalguns hospitais já se tinham visto obrigados a ir a sítios bombardeados para recuperar mais cobertores. Nós ainda não tínhamos chegado

a esse ponto, mas às vezes parecia que não faltava muito. — Não vais ler a tua carta?

A Nelly deixou escapar um suspiro.

— Não vale a pena. Já sei o que diz.

— Como é que podes saber, se ainda não a leste?

— Porque a *mammy* não se cansa de escrever sempre o mesmo — explicou ela. — Que as coisas estão incrivelmente pacíficas em Dublin, que ninguém diria que há uma guerra e que o Dr. Connalty tem um trabalho à minha espera no Hospital das Irmãs de Misericórdia, quando eu quiser...

Fiz-lhe um sorriso.

— Pode ser que desta vez tenha escrito que estás a fazer um trabalho magnífico aqui em Londres e que devias ficar aqui enquanto quiseses.

A Nelly deu uma gargalhada.

— É capaz.

— Ela está só preocupada contigo — acrescentei baixinho. Embora a mãe da Nell pudesse parecer demasiado controladora e implicativa, eu sabia que era por gostar da filha, e tinha alguma inveja dos laços familiares da minha amiga. Ela tinha irmãos e irmãs espalhados por toda a Irlanda, e família na América, e estava sempre a receber cartas. Aliás, certa vez — ficámos tão entusiasmadas! —, recebeu até uma encomenda de Nova Iorque que trazia um monte de *collants* e um batom. Eu só recebia um bilhetezinho do Billy de vez em quando, e depois recebi o telegrama, e agora não havia mais nada.

A Nelly levantou-se da cadeira com um gemido.

— Vou dormir — disse ela. Esticou-se para mim e deu-me um beijo na cara. — Vemo-nos mais logo?

— Vemos.

Esprei que a Nelly fosse para o quarto e peguei na carta da mãe dela para a colocar na gaveta do aparador, onde guardava todos os sobrescritos que lhe mandavam de casa e que ela não

queria abrir. Eu sabia que a Irlanda não estava envolvida na guerra e que a mãe da Nelly estaria a salvo por causa disso, mas também tinha noção de que aconteciam coisas más durante a guerra e que talvez a Nelly, um dia, pudesse querer ver a caligrafia da mãe e ler as palavras carinhosas dela.

Eu própria precisava de um bom banho, mas não tinha tempo para isso se quisesse ir ajudar com os cobertores antes de começar o meu turno. Contentei-me com uma esfregadela na bacia do meu quarto, embora a água estivesse fria e me tenha dado arrepios. Tirei o vestido da farda do armário, dobrei-o e guardei-o cuidadosamente na mala. Dar-me-iam um avental novo quando chegasse à enfermaria.

Depois, fui à cozinha procurar comida. Não havia muito por onde escolher. Eu e a Nelly ainda não nos tínhamos habituado ao racionamento e, como comíamos a desoras, dávamos por nós muitas vezes com a despensa vazia. Por sorte, havia meio pão de forma na caixa, de maneira que pus duas fatias na torradeira e tostei-as no fogão, aproveitando também para me aquecer, já que continuava a tremer depois de me lavar.

Eu trabalhava no Hospital do Distrito Sul de Londres. Ficava perto de onde morávamos. Antes da guerra costumava ir de bicicleta para o trabalho, mas agora estava sempre tão cansada que preferia enfiar-me no comboio para percorrer duas estações. Os turnos eram intermináveis e o número de pacientes tinha duplicado desde o começo dos bombardeamentos. Agora éramos um hospital de triagem e recebíamos as pessoas que tinham sido feridas nos raids aéreos. A maior parte vinha das redondezas, mas às vezes, se a noite fosse especialmente má, acabávamos por receber também as vítimas do centro de Londres. Chegavam em autocarros especialmente convertidos para o efeito, uma vez que não havia ambulâncias suficientes para todos os feridos.

Com a mala feita e a barriga cheia, acabei a minha xícara de chá e deixei um recado à Nelly, a dizer que nos víamos mais logo.

Pus o casaco e um chapéu, já que tinha sentido nitidamente o ar a arrefecer, e saí em direção à estação.

Ainda não tinha andado cem metros quando me apercebi de alguém a aproximar-se por trás.

— Tudo bem, Elsie?

O coração afundou-se-me. Era o Timothy Jackson, um ex-colega de escola do meu irmão Billy. Tanto quanto sabia, ele e o Billy eram simples conhecidos, mas o Jackson, como toda a gente lhe chamava, parecia ter metido na cabeça que eram grandes compinchas.

Fiz uma careta para o chão e virei-me para ele, sem parar de andar, com um sorriso forçado.

— Olá.

— Vais trabalhar? — perguntou ele, acompanhando-me facilmente no meu passo apressado, apesar dos pés chatos que alegadamente o tinham impedido de se alistar por razões médicas. — Pensei que só tivesses de entrar no hospital mais tarde. Não era hoje que ias fazer o teu primeiro turno noturno?

Senti um pequeno arrepio de ansiedade. Como é que ele conhecia os meus horários? O Jackson costumava aparecer do nada sempre que eu saía à rua, e não era a primeira vez que desconfiava que ele me andava a vigiar; mas o Billy sempre tinha dito que ele era um tipo às direitas. Um pouco esquisito, talvez, mas inofensivo. Eu achava-o mais sinistro do que estranho, mas também não queria ser antipática.

— Ofereci-me para ajudar a enfermeira-chefe numa coisa — expliquei, estugando um bocadinho mais o passo enquanto desapertava o botão de cima, porque andar tão depressa me estava a pôr a transpirar.

— Não andas a exagerar, pois não? — O semblante dele ficou mais carregado. — Não quero que dê por ti esgotada.

— Eu estou bem. — Cerrei os dentes, tentando resistir ao impulso de lhe dizer que a minha vida não lhe dizia respeito,

e que de qualquer das maneiras estávamos todos esgotados, com as bombas a caírem-nos na cabeça noite sim noite não, e a Nelly a ter de fazer turnos extras, e toda a gente a gente a dar o seu melhor em prol do esforço de guerra.

— O Billy não havia de querer ver-te cansada — disse ele.

— Tenho de apanhar o comboio, Jackson. Foi bom pôr a conversa em dia.

— É que eu prometi, não foi? Prometi-lhe que tomava conta de ti.

Parei tão de repente, que o Jackson ainda deu mais alguns passos antes de se aperceber do facto, tendo de recuar.

— Passa-se alguma coisa, Elsie?

— O que queres dizer com teres prometido ao Billy que tomavas conta de mim?

O Jackson coçou o nariz.

— Foi a última coisa que ele disse.

— A não ser que estivesses em Dunquerque, duvido imenso que tenha sido.

O meu tom severo não pareceu incomodá-lo minimamente.

— A última coisa que ele me disse a mim.

— Há?

— Foi aqui mesmo, por acaso. Ou um bocadinho mais ao fundo da rua, junto à paragem do autocarro.

Lancei-lhe um olhar fulminante, e desta vez ele reparou.

— Foi assim: ele ia apanhar o comboio. Estava fardado, todo elegante, com a mochila ao ombro. Perguntei-lhe se ele ia para a guerra e ele disse que sim, e então desejei-lhe boa sorte e ele disse obrigado, e depois eu disse que tomava conta de ti e ele respondeu que era melhor. — O Jackson respirou fundo e olhou para mim com um ar triunfante. — E depois meteu-se no comboio.

O comboio. Olhei à volta e vi, aliviada, o fumo da locomotiva a aproximar-se.

— Tenho de ir — disse ao Jackson. — O meu comboio vem aí.

Puxei a mala mais para cima no ombro e desatei a correr rua abaixo em direção à estação, de uma maneira muito pouco feminina. Cheguei à plataforma no momento em que o comboio parava. Subi à pressa, bati com a porta atrás de mim e deixei-me cair num lugar vazio. Como se atrevia o Jackson a usurpar as últimas palavras do meu irmão?, pensei. Enxuguei o suor da testa e debrucei-me para abrir a janela, enquanto o comboio partia, avançando para o viaduto sobre a estrada. Vi o Jackson lá em baixo, parado no mesmo sítio onde o tinha deixado, a proteger os olhos do sol baixo de outono enquanto esquadrihava as carruagens, evidentemente à minha procura.

Encolhi-me no meu lugar, sem querer que ele me visse, sabe-se lá porquê. E depois repreendi-me. Ele estava só a ser simpático. E devia sentir-se sozinho. Ao fim e ao cabo, não havia muitos homens da idade dele, os pais tinham saído de Londres pouco depois do início da guerra e eu sabia que ele não tinha irmãos nem irmãs. Talvez tivéssemos mais em comum do que eu gostava de admitir. Devia ser mais simpática com ele. Mais compreensiva.

Encostei a cabeça ao espaldar duro do banco e fechei os olhos, a pensar no Billy. Perguntei-me pela enésima vez quais teriam sido os últimos pensamentos dele. Se teria dito algumas últimas palavras a alguém. Estaria assustado quando aquela bomba alemã caiu na praia enquanto ele tentava fugir? Ou não teria tido sequer oportunidade de ficar assustado antes de a escuridão o levar? Eu tinha recebido uma carta do comandante, mas ele não estava com o Billy quando ele morreu. Limitava-se a dizer que o meu irmão era um excelente rapaz e um orgulho para os seus colegas de armas. Era a mais pura verdade, disso eu podia ter a certeza. O Billy sempre fora muito esforçado. Corajoso e de confiança.

Mas também me lembrava de como ele tinha ficado assustado quando a nossa mãe morreu há uns anos. Como, durante um

minuto, a expressão de estoicismo se lhe desvaneceu do rosto e os olhos se encheram de lágrimas. Nessa noite, abracei-o com força e prometi-lhe que éramos os dois uma equipa e que ia correr tudo bem, porque ele me tinha ao seu lado. Não conseguia suportar a ideia de ele ter tido medo em França, a contemplar o mar à medida que os barcos iam em socorro dos soldados e a sentir-se esperançoso sem saber o que o destino lhe guardava. Ou, pior ainda, a esvair-se em sangue, cheio de dores, assustado e sozinho. Deixei escapar um suspiro. Eu nunca poderia saber o que lhe passou pela cabeça quando morreu e teria de aprender a viver com isso.

Às vezes olho para trás, para quando comecei a ser enfermeira, e fico pasmada por ter achado o trabalho difícil, cansativo, por achar que os turnos eram demasiado longos e atarefados, quando tínhamos cinco camas em cada enfermaria e todas estavam ocupadas. Porque, agora sim, era uma azáfama constante e interminável.

Costumava ficar nervosa antes de começar a minha série de turnos noturnos. Sentia os maxilares e os ombros tensos enquanto me preparava para enfrentar a noite. Hoje, estava ainda pior que o costume. O encontro inesperado com o Jackson tinha-me deixado inquieta e agitada.

Embora trabalhássemos em alas diferentes, eu esperava conseguir encontrar a Nelly antes do começo dos nossos turnos, depois de separar os cobertores.

E, efetivamente, quando acabei de distribuir os cobertores pelas várias enfermarias e fui ao vestiário buscar um avental novo, lá estava ela. Parecia muito mais animada do que de manhã cedo.

— Estás com melhor aspeto — disse eu.

— É extraordinário o que umas horinhas de sono conseguem fazer por uma rapariga — respondeu ela. Abriu o cacifo e tirou um pequeno espelho de pó de arroz para examinar o reflexo.

— Não me digas que o Dr. Barnet está de serviço — brinquei, ao vê-la beliscar as bochechas para lhes imprimir alguma cor.

— Não sei do que é que estás a falar. — Ela fechou o espelho e piscou-me o olho.

— Então também não deves estar interessada no baile do Pig & Whistle — respondi, virando-lhe as costas. — Mas não te preocupes. Aposto que arranjo alguém que queira ir comigo.

A Nelly agarrou-me no braço, para me deter.

— Espera aí um segundo, Elsie Watson. Que história é essa de um baile?

— Havia um anúncio no quadro da sala das enfermeiras — expliquei. — Reparei nele quando fui à procura de cobertores.

— Andas a roubar cobertores às colegas? — A Nelly abanou a cabeça com um ar desiludido. — Que coisa horrível.

Dei-lhe uma cotovelada, a rir-me.

— Queres saber do baile ou nem por isso?

— Quero.

— É de sexta-feira a oito.

A Nelly rejubilou.

— Estamos as duas de folga!

Assenti, entusiasmada.

— Exatamente. É no Pig & Whistle... Sabes, aquele *pub* na estrada principal? Parece que tem uma cave enorme e que estiveram a arranjá-la para poderem organizar bailes. Vai haver uma banda a tocar.

Os olhos da Nelly brilharam.

— E vai haver soldados?

— Tenho a certeza de que sim.

— Vamos?

— Ainda temos de confirmar os turnos, porque estão sempre a trocar-nos os horários, mas pode ser divertido.

A Nelly agarrou-me dramaticamente no braço.

— Já nem me lembro do que é divertir-me.

— Então temos mesmo de ir.

Apertei o avental à cintura e observei o meu próprio reflexo no espelho manchado da sala. Tinha a touca torta, e endireitei-a. Adorava que a Nelly conseguisse trazer ao de cima o meu lado mais divertido. Fui sempre uma criança muito reservada, e perder a minha mãe quando ainda mal tinha saído da escola obrigou-me a crescer de um dia para o outro. Eu e o Billy aprendemos

a desenharmos-nos quando ela ficou doente, e mal sobrava tempo para saídas à noite quando era preciso cozinhar, arrumar a casa e lavar a roupa. Conheci a Nelly quando vivíamos as duas no alojamento das estudantes de enfermagem, durante a formação. O Billy ficou em nossa casa. Trabalhava como mecânico numa oficina lá perto. Adorava motores, o meu Billy.

Quando eu e a Nelly acabámos o curso e a guerra começou, havia tantas enfermeiras a disputar os quartos no alojamento do hospital que fez algum sentido mudarmo-nos para minha casa. E só Deus sabe como fiquei grata por ter a companhia dela quando recebi a notícia de que o Billy tinha morrido. Viver com a Nelly mostrou-me que a vida não se resumia a tratar da lida da casa e a preocupar-me com dinheiro. Ela dizia sempre que eu tinha redescoberto a minha juventude, embora tivesse apenas 21 anos.

— Cruzei-me com o Jackson a caminho do trabalho — contei-lhe.

Ela fez uma careta.

— Não gosto nada desse fulano, Elsie.

— Eu também não gosto lá muito — admiti. Prendi o relógio (um presente do Billy) ao avental e espreitei as horas. Depois, aproveitando os poucos minutos que nos restavam antes de começar o turno, sentei-me numa das cadeiras velhas da sala das enfermeiras e suspirei. — O Jackson disse que encontrou o Billy antes de ele partir para França, e que ele lhe pediu que tomasse conta de mim.

— Isso não é verdade — respondeu imediatamente a Nelly. — O Billy estava farto de saber que eras perfeitamente capaz de tomar conta de ti própria.

Sorri, mas foi um sorriso triste.

— Pois é.

— E, se ele quisesse mesmo que alguém tomasse conta de ti, ter-me-ia pedido a mim.

Desta vez, o sorriso foi mais sincero.

— Lá isso é verdade.

O Billy adorava a Nelly. Estava sempre a dizer que ela era «uma peça e tanto». «Se alguma vez tiveres um aperto e precisares de alguém para ter ao teu lado», disse-me várias vezes, «essa pessoa é a Nelly.»

— Então pronto, aí tens.

Assenti.

— É só porque fiquei um bocadinho chateada, sabes? Por ele ter falado com o Billy antes de ele ir embora.

— Porque ele foi o último dos dois a falar com o Billy?

— Isso.

A Nelly chegou-se ao pé de mim e deu-me um abraço. Eu também nunca tinha sido muito dada a abraços antes de a conhecer, mas ela era tão carinhosa e espontânea que tive de me habituar a gostar daquelas demonstrações súbitas de afeto.

— O teu Billy sabia que o amavas imenso — disse ela. — E tu sabes que ele também te adorava. Não há nada que o Jackson possa dizer que mude isso.

— Tens razão — admiti. — Só gostava de lho poder ter dito, mais nada.

— Eu sei. — A Nelly ficou pensativa. — Estava a pensar nisso ontem à noite. Trouxeram-nos um homem que se estava a esvaír em sangue, e já devia saber que ia morrer. Sabes como algumas pessoas parecem adivinhar, simplesmente? E o homem não parava de repetir: «Digam à Susie que a amo.»

Senti as lágrimas a subirem-me aos olhos, embora tivéssemos de lidar com a morte todos os dias.

— E tu disseste? — perguntei. — Falaste com a Susie?

— Oh, é claro que não. Como é que havia de dizer? Eu nem sequer sabia o nome dele, quanto mais quem seria a Susie — disse a Nelly. — Trouxeram-no de pijama.

Senti uma profunda tristeza por aquele homem que morreu sem poder dizer à sua Susie o que queria. Seria a mulher dele?, perguntei-me. A filha? Ou talvez uma paixão secreta? Fosse quem

fosse, ela nunca saberia que aquele homem estava a pensar nela nos seus últimos minutos de vida.

— Esta guerra — murmurei, com a voz rouca. — Esta maldita guerra.

— Senhoras? — disse alguém. — Deviam estar as duas aqui sentadas ou nas vossas enfermarias?

Virámo-nos e vimos a enfermeira-chefe da ala da Nelly à porta. Soava zangada, embora estivesse a sorrir.

— Estamos mesmo a ir.

— Senhoras enfermeiras, não se esqueçam que agora há capacetes em todas as enfermarias — lembrou a enfermeira-chefe.

— Têm de garantir que toda a gente os coloca se a sirene tocar.

— É mesmo preciso? — resmunguei.

— É mesmo preciso. Vão entregar-nos mais um carregamento de sacos de areia, e já instalámos o bloco operatório lá em baixo, mas todo o cuidado é pouco.

Fiz um aceno de cabeça, tal como a Nelly.

— Vão lá, então — disse a enfermeira-chefe. — Para as vossas respetivas alas, enfermeira Malone e enfermeira Watson.

\*

Eu trabalhava numa enfermaria feminina. Era suposto ser uma enfermaria cirúrgica, mas isso deixara de ser relevante, com o hospital a servir agora de posto de triagem de feridos e a integrar o Serviço de Emergência Médica. Já tínhamos duplicado a capacidade do hospital desde o início da guerra, e estavam a acabar de montar uns pavilhões nos jardins para instalar ainda mais camas. A enfermaria pediátrica ficava no antigo refeitório, e a cantina do pessoal, na cave, era agora o bloco operatório, tal como tinha dito a enfermeira-chefe. Demorámos algum tempo a habituarmo-nos, e as coisas continuavam a mudar. Eu tinha pensado que aqueles raides noturnos não podiam durar muito, mas a Luftwaffe não parecia disposta a desistir. E tinha quase

a certeza de que as autoridades não fariam tantas alterações no hospital se contassem que os bombardeamentos fossem parar. Esse pensamento dava-me sempre calafrios, de cada vez que construíam alguma coisa nova ou faziam mais alterações.

— Esta guerra convenceu-os a fazer mais pelo hospital em dez meses do que nos dez anos anteriores — costumava dizer a enfermeira-chefe, apontando para os novos equipamentos ou para o pessoal extra. Embora aqueles apetrechos modernos de pouco servissem quando a eletricidade ia abaixo durante um bombardeamento e nos víamos obrigadas a esterilizar o equipamento numa panela de água a ferver num bico de querosene.

Já estava escuro lá fora, e as janelas estavam todas tapadas. Olhei à volta da enfermaria. Tínhamos três camas vazias, o que era invulgar.

— É a calma antes da tempestade — disse a Phyllis, uma colega, que se pôs ao meu lado.

E tinha toda a razão. Não demorou muito que a sirene começasse a uivar, levando consigo as esperanças de uma noite tranquila a dar os medicamentos às pacientes e a prepará-las para dormir.

Não transferíamos os pacientes quando a sirene tocava. Não teríamos espaço suficiente para os levar a todos para a cave e, mesmo que tivéssemos, alguns estavam tão debilitados que não resistiriam à deslocação. Quem quer que fosse capaz ia pelos seus próprios meios para o abrigo do hospital, mas as nossas pacientes costumavam estar demasiado fracas. Assim, continuávamos a trabalhar simplesmente. Quando a sirene tocava, limitávamo-nos a empurrar as camas para o meio da sala, longe das janelas, embora estivessem entaipadas, só por precaução.

— Os capacetes, por favor, enfermeiras — lembrou a minha enfermeira-chefe, distribuindo os chapéus de ferro semelhantes aos dos voluntários da ARP. Prendi a fivela do meu, a sentir-me vagamente ridícula, e fiz uma careta à Phyllis. Ela respondeu-me com um sorriso, enquanto batia com os nós dos dedos no cocuruto.

Os aviões começaram a passar por cima de nós, e senti que toda a gente susteve a respiração, embora fingíssemos manter a calma. Eu e a Phyllis estávamos a lavar uma das pacientes com uma toalha, e a mudar-lhe os lençóis, pelo que continuámos a conversar jovialmente.

— Acho que daqui a dois ou três dias já pode ir para casa, Sra. Marsden — disse a Phyllis, erguendo a voz sobre os estampidos das baterias antiaéreas. — O que lhe parece, enfermeira Watson?

Eu calculava que a Sra. Marsden não fosse efetivamente casada, antes de mais. Tinha uma infeção horrível de um aborto de vão de escada e a aliança que usava na mão esquerda deixara uma marca verde no dedo. Mas isso não era da minha conta, e por isso limitei-me a sorrir, primeiro à Phyllis e depois à Sra. Marsden.

— Vai estar de pé num inst... — Arquejei, ao ouvir o assobio de uma bomba a cair. — Num instante.

A Sra. Marsden estremeceu com o impacto ali perto.

— Acha mesmo?

— Tenho a certeza — respondi, esfregando-lhe delicadamente a cara com a esponja. — A infeção está quase a passar.

Ela sorriu de forma débil.

— Ainda bem. Gosto dos vossos capacetes.

— Acho que nos fazem parecer vigilantes da ARP.

Ela riu-se.

— Pois é.

Outro estrondo enorme ali perto fez-nos a todas dar um grito. Estávamos no rés do chão, mas as tábuas abanaram sob os nossos pés.

— Santo Deus! Foi por pouco — disse a Phyllis. — Devem estar a fazer pontaria ao caminho de ferro.

— Se está tão mau aqui, imaginem como não será no East End. Consigo ver o fumo a pairar sobre as docas todas as manhãs, da janela do meu quarto.

— A minha irmã vive em Oxfordshire, e diz que conseguem ver Coventry a arder — contou a Sra. Marsden. — Fica a quilómetros e quilómetros de distância, mas mesmo assim veem-se as chamas todas as noites.

— Devia ir passar uns tempos com ela — sugeriu a Phyllis. — Sente-se, para lhe ajeitarmos as almofadas. É muito mais seguro do que aqui.

— Sou bem capaz de ir — concordou a Sra. Marsden. Rodou o anel no dedo esverdeado. — Não tenho nada que me prenda aqui, de qualquer maneira.

O telefone tocou ao fundo da enfermaria, e eu e a Phyllis trocámos um olhar. Já sabíamos que isso significava que vinham mais vítimas a caminho. E, de facto, a enfermeira-chefe chamou:

— Enfermeira Watson? Pode ir ter com a ambulância, por favor? Penso que só vamos receber uma paciente, por enquanto.

— Com certeza.

Deixei a Phyllis a tomar conta da Sra. Marsden e saí para o corredor. A entrada do hospital estava caótica. Os corredores estavam a abarrotar de gente, com médicos e enfermeiras a correrem de umas enfermarias para as outras. Feridos sentados nas cadeiras com um ar perdido. Alguém a chorar. E mais vítimas prestes a chegar. Não fazia ideia de onde íamos pôr tanta gente.

Respirei fundo, abri a porta da rua e saí para o ar frio da noite.

Estava escuro como breu, é claro, mas a escuridão parecia carregada de fumo. De vez em quando, o céu iluminava-se com os clarões das bombas a explodir ao longe, e havia um brilho alaranjado à minha frente que indicava que algo devia estar a arder algures. Havia umas árvores altas à volta do hospital, e quando as explosões iluminavam a noite elas ficavam um instante recortadas contra a luz, antes de tornarem a desaparecer.

Estremeci, a desejar ter trazido um casaco e perguntando-me se ainda teria tempo de o ir buscar ao vestiário, mas depois ouviu-se um rugido na estrada e distingui o contorno do autocarro

transformado em ambulância a chegar. Passou pelos muros do hospital e parou à frente da porta onde eu estava à espera. A condutora, uma mulher mais ou menos da minha idade, com uma faixa de pó na cara e um capacete de metal igual ao meu, saltou da cabine.

— Trago três feridos — anunciou. — Dois homens e uma mulher. Vítimas de esmagamento.

Fiz um aceno de cabeça e, ao meu lado, duas outras enfermeiras que eu conhecia de vista juntaram-se a mim. As portas do autocarro abriram-se e houve um rebuliço de agitação enquanto tirávamos os pacientes da ambulância para os levar para dentro do hospital.

— Vão trazer mais? — perguntei à condutora enquanto assinava os papéis que ela me deu, e ela assinava os meus, na tentativa mais ou menos inútil de seguir o rasto aos pacientes. Ela esfregou o nariz com as costas da mão e assentiu.

— Oh, podem contar com isso. A coisa está feia. Estes três vieram do mesmo sítio: um impacto direto num *pub* cheio de estivadores. Estavam todos na cave, mas o teto abateu.

E depois voltou a sentar-se no banco e ligou o motor. Com a ajuda de um porteiro, o Frank, de quem todos gostávamos imenso, levei a minha paciente para a enfermaria e instalámo-la o melhor que podíamos. A pobre coitada estava em muito mau estado. Tinha sido esmagada por uma viga que lhe caíra em cima e a prendera ao chão. Um dos braços estava partido, e a fratura tinha de ser reduzida e engessada. Já lhe tinham posto uma tala, e ainda bem que os paramédicos conseguiram fazê-lo. O outro braço, contudo, estava uma autêntica desgraça, todo empapado em sangue e inerte ao lado do corpo. A equipa de emergência devia ter pensado que seria inútil tentar salvá-lo.

— Ela vai perder aquele braço — disse a Phyllis, enquanto me ajudava a verificar os sinais vitais da paciente.

Assenti sombriamente.

— E quanto mais depressa, melhor. Não queremos que infete. A mulher entreabriu os olhos, e eu fiquei muito séria. Só esperava que ela não nos tivesse ouvido falar dela assim.

— Os meus filhos — crocitou a mulher. — As crianças.

Já estávamos habituadas a que as pessoas se perdessem das suas famílias.

— Vamos encontrá-los, não se preocupe — respondi-lhe, franzindo ao de leve o sobrolho, porque a motorista me tinha dito que as vítimas vinham de um taberna de estivadores, e não me pareceu que fosse um sítio onde houvesse crianças. Olhei para o processo dela. — Violet, é isso? Onde estavam os seus filhos, Violet? Estavam consigo?

Ela abanou devagarinho a cabeça.

— Estão em Gales. — Gemeu de dor, tentando endireitar-se. — Foram evacuados.

— Fique quieta, Violet. As crianças estão a salvo, não se preocupe.

A Violet cerrou os maxilares.

— Mas vão ficar sem saber onde estou ou o que aconteceu.

— Pode escrever-lhes depois da sua operação, quando estiver a convalescer — sugeriu animadamente a Phyllis. Dei-lhe um pontapé com força nas canelas, acenando com a cabeça para os braços inutilizados da paciente. — Au! — queixou-se ela, mas depois arregalou os olhos, ao perceber o seu deslize. — Ou talvez possa pedir a alguém que escreva por si.

— Eu trato disso — ofereci-me. — Sabe a morada?

— Sim, é claro.

Apalpei o bolso do avental à procura de um lápis e tirei uma folha em branco do caderno de notas da Violet.

— Diga.

Ela deu-me a morada, ofegante e claramente com dores, mas decidida a transmitir a mensagem aos filhos.

— Como se chamam as crianças?

— Winifred, Ray e Jimmy.

Garatujei os nomes no cimo da folha.

— Hei de escrever-lhes assim que acabar o meu turno —  
prometi.

Os olhos da Violet tranquilizaram-se ligeiramente.

— Obrigada.

# Stephanie

*No presente*

Mais chuva. Pois claro. Olhei para o céu, a decidir entre arriscar e ir buscar o impermeável a casa. Um trovão longínquo tomou a decisão por mim, de maneira que voltei a subir à pressa as escadas exteriores do meu apartamento minúsculo e entrei. Despi o casaco de cabedal gasto que tinha pertencido ao meu irmão e vesti em vez dele a minha capa amarela, cobrindo a mochila com um saco de plástico, para não ficar tudo encharcado lá dentro. Depois voltei a sair.

A minha casa (se é que se lhe podia chamar tal coisa, o que era bastante duvidoso) ficava por cima da garagem dupla no quintal do casarão onde o Bernie, um amigo do meu pai, vivia com a mulher e os filhos adolescentes. O Bernie devia um favor ao meu pai, e foi por isso que me deixou morar no anexo que tinha sido ocupado em tempos por uma série de *au pairs*. Nunca cheguei a perguntar qual era o favor, mas devia ser grande, porque o Bernie me deixou lá ficar a troco de uma renda irrisória, que mesmo assim me custava a pagar.

Desci a correr os degraus metálicos e abri a porta da garagem para tirar a minha bicicleta, desviando propositadamente o olhar das minhas telas encostadas a um canto e do meu material de pintura que acumulava pó nos sacos de ráfia onde o tinha guardado.

Depois de ajustar as alças da mochila, empurrei a bicicleta para fora da garagem e deparei-me com o Micah, o filho adolescente do Bernie.

— Não — respondi-lhe sem precisar de ouvir nada.

— Oh, vá lá, por favor.

— Não. Tens de ir para a escola.

Eu não era *au pair* do Micah, mas ele parecia convencido que sim. Ou pelo menos achava que podia usar o meu quarto sempre que lhe apetecia, para se esconder, em vez de ir às aulas. O problema era que, se ele se baldasse, era eu que acabava por levar com as culpas. Tinha a sensação de que a mulher do Bernie, a Jan — por muito simpática que se mostrasse —, tinha sido obrigada a acolher-me no anexo deles. Ela estava a pensar transformá-lo num ginásio antes de eu aparecer à porta deles, e por isso não me apetecia nada dar-lhe a mínima desculpa para se livrar de mim. Não podia dar-me ao luxo de ficar sem o quarto, por muito minúsculo e atravancado que fosse.

O Micah fez uma careta e eu imitei-o, mas de uma forma bem-humorada, porque lá no fundo ele era um bom rapaz, e eu conseguia ver nele qualquer coisa que me lembrava de mim própria: uma ansiedade com o mundo que me fazia querer tomar conta dele.

— A angústia de ter de ir para a escola é sempre pior do que depois, quando já lá estás — disse-lhe, montando na bicicleta. — As coisas nunca são tão más como tu as pintas antes de acontecerem.

— É isso que tu sentes em relação ao trabalho?

— Completamente — menti, porque, embora não desgostasse do meu trabalho, tinha sempre de fazer um esforço para ir. — Vou trabalhar com a Tara, logo à noite. Se apareceres depois da escola, eu dou-te a chave, e podes cá ficar um bocado.

O Micah fez-me um sorriso radiante.

— Obrigado, Steve.

— É Stevie — retorqui, com um suspiro exagerado. O Micah tinha delirado quando descobriu que a minha família e os meus amigos abreviavam o Stephanie para Stevie, e deliciava-se a arreliar-me com a sua própria versão do diminutivo.

— Está bem, Steve.

— É Stevie! — repeti por cima do ombro enquanto saía pelos portões automáticos. — Stevie!

\*

O lar residencial Tall Trees era rodeado por uma sebe baixa, um muro de tijolo vermelho e o grandioso total de zero árvores — nem altas nem coisa nenhuma. Era um grande edifício em forma de L, com a parte mais comprida do L paralela à estrada e, à frente, um parque de estacionamento coberto de cascalho, que eu depressa tinha aprendido a não atravessar a pedalar. Tranquei a bicicleta nos suportes vazios e levei o capacete e a mochila forrada com um saco de plástico para a sala dos funcionários.

— Estás atrasada — disse a minha chefe, a Blessing, entrando à pressa com um monte de toalhas lavadas enquanto eu despia o impermeável e a roupa molhada. Parou de repente e sorriu-me. — Toma.

Atirou-me uma toalha e eu sequei a cara, agradecida.

— Quer dizer que ainda não parou de chover?

— Por acaso até parou. — Enxuguei o rabo de cavalo com a toalha e pendurei-a na porta do meu cacifo enquanto vestia a túnica da minha farda.

— Mas...

— Poça. Autocarro — expliquei sucintamente.

A Blessing franziu o sobrolho.

— Hoje ficas no corredor de baixo. Já tomaram todos um chazinho, mas precisam que os ajudes a levantarem-se para o pequeno-almoço. Depois, quando estiveres pronta, e se o tempo

se aguentar, achas que podes levar o Sr. Yin ao jardim? Ele quer ver se as peónias já rebentaram.

— Combinado.

Acabei de abotoar a túnica, ajeitei o cabelo, fechei o cacifo e fui a toda a pressa para o corredor de baixo.

— Bom dia, Val! — cantarolei ao entrar no primeiro quarto. — Como é que se sente hoje?

— Quem me dera morrer de uma vez por todas — disse a Val, que tinha perdido as papas na língua, do alto dos seus 95 anos. — Nem sequer se arranja uma porcaria de uma chávena de chá decente nesta espelunca. Será demasiado pedir um bom *Earl Grey* pela manhã?

Fiz-lhe um sorriso.

— Que tal se nos levantássemos?

— Para quê?

Pesquei duas saquetas de *Twinings* do bolso da túnica com um salamaleque (daquelas que há nos bufetes de pequeno-almoço nos hotéis), e acenei com elas à frente da senhora.

— Levantava-se, se eu promettesse que lhe fazia um *Earl Grey*? A Val fez-me um sorriso súbito e incaracterístico.

— Sabes o que tu és? — perguntou. — És uma boa pessoa.

Dediquei-me a encher a chaleira para ela não ver as lágrimas que me tinham brotado nos olhos com as suas palavras simpáticas. Quase tudo me fazia chorar, por estes dias. As lágrimas estavam sempre à espreita.

— Então pronto, que tal se a tirássemos da cama? — disse, com uma falsa jovialidade. — O que lhe apetece vestir hoje?

\*

Depois de os cinco residentes no meu corredor se terem levantado e vestido e já estarem instalados na sala de refeições para o pequeno-almoço, fui procurar o Sr. Yin. Encontrei-o sentado na sala de convívio, a beber café e a olhar pela janela.

— Este edifício já foi um hospital — comentou ele.

Assenti.

— Assusta-me um bocado pensar nisso quando estou de turno à noite — admiti. — Quando está tudo escuro e silencioso nos corredores, fico cheia de tremeliques.

— Tremeliques? — O Sr. Yin levantou uma das sobrancelhas. Era um homem muito inteligente e seletor que tinha passado a vida a trabalhar entre o Reino Unido e Hong Kong, mas às vezes as minhas expressões do Sul de Londres deixavam-no à nora.

— Arrepios — expliquei. — Dão-me arrepios.

O Sr. Yin fez um aceno de cabeça, e percebi que estava a guardar a informação para mais tarde.

— Como estão hoje as suas pernas? Quer que vá buscar uma cadeira de rodas?

O Sr. Yin assentiu com um suspiro.

— Acho que talvez seja melhor.

Alguns dos nossos residentes usavam uma cadeira de rodas a tempo inteiro, mas outros, como o Sr. Yin, só se serviam de uma quando era mesmo preciso, pelo que tínhamos algumas à espera junto à receção.

— Dê-me só dois minutos — pedi ao Sr. Yin, saindo para ir buscar uma cadeira.

Havia um homem (da minha idade, ou um pouco mais velho) a assinar o livro de registos da receção. Nunca o tinha visto, e perguntei-me quem teria vindo visitar. Parecia-se um bocadinho com o Louis Theroux, por causa do cabelo desgrenhado e dos óculos de massa.

— Bom dia — cumprimentei, e ele olhou para mim com um sorriso.

— Bom dia.

Levei a cadeira e ajudei o Sr. Yin a sentar-se, após o que saímos pela porta principal e demos a volta ao lar. O prédio tinha uma empena cega pintada de branco — um branco sujo e descascado, que era o chamariz ideal para os grafiteiros.

Enquanto empurrava a cadeira do Sr. Yin, reparei que hoje um idiota qualquer tinha garatujado «Guerne pró c\*\*\*\*\*!» a tinta vermelha, mesmo no meio da empena. Eu não discordava por completo da ideia, mas a ortografia fez-me estremecer.

Alguns dos outros residentes estavam na esplanada.

— Quer juntar-se a eles? — perguntei ao Sr. Yin. — Consegue ver as peónias daqui, e é mais fácil abrigar-se se voltar a chover.

— Obrigado, Stephanie — disse ele.

Empurrei-o até lá e, quando eu própria ia a sentar-me para conversar um bocadinho com todos, a Blessing assomou à janela.

— Stephanie? Já podes ir ver a tua avó, se quiseres.

Abanei a cabeça.

— Acho que vou ficar com o Sr. Yin um bocado.

— Eu estou bem — disse o Sr. Yin, lançando-me um olhar intrigado. — A não ser que não te apeteça ir. — Perscrutou-me com um ar arguto, e eu respondi com uma careta.

— Eu sei que devia, mas é tão difícil. Ela nem sempre se lembra de mim.

— A minha sogra era igual. É bastante cruel.

Virei a cara e pisquei os olhos, para conter outra vez as lágrimas.

— Ela não vai cá estar para sempre — murmurei. — E tem piorado, nos últimos tempos. Se calhar devia ir.

— Concordo — assentiu o Sr. Yin. — Vais arrepender-te, se não fores.

— Tens a certeza que não faz mal? — perguntei à Blessing.

— Vai lá — disse ela. — Eu peço a alguém para tomar conta deles.

Fiz um aceno de cabeça, com um suspiro embargado.

— Está bem.

A unidade de demência do Tall Trees ficava ao fundo do edifício, por trás de umas portas duplas trancadas, para impedir os pacientes de vaguearem. Aproximei-me lentamente da entrada,

porque, por muito que gostasse da minha avó, e tivesse a sorte de poder visitá-la todos os dias, era difícil vê-la ali.

— Parece que trazes o peso do mundo aos ombros — gracejou o Cyril, o faz-tudo do lar, que estava a remendar a vedação quando passei por ele. — Quando devias ter o mundo aos teus pés.

— Vou ver a minha avó — expliquei, e ele ficou cabisbaixo.

— Não me digas que piorou.

— Há dias melhores e dias piores — respondi. Era essa a parte mais difícil, aliás. Não saber do que poderia estar à espera quando entrasse no quarto. — Já reparaste no grafiti no outro lado?

O Cyril revirou os olhos.

— Não. O que foi desta vez?

— Uma calinada daquelas. E bastante ofensiva.

Ele encolheu os ombros.

— Vai ter de esperar um bocado. Tenho de acabar a vedação e depois tratar da fuga de água no chuveiro ao fundo do corredor. E o quarto daquela senhora que acabou de entrar tem uma janela que não abre e outra que não fecha.

— Não podes só pintar por cima? Não deve demorar muito.

— Tu é que és a artista — disse o Cyril. — Podes pintar tu. Há tinta no barracão.

— Talvez, se me sobrar um tempinho — respondi, ignorando o comentário sobre ser uma artista. — Vemo-nos mais logo.

— Não se eu te vir primeiro — disse o Cyril, como sempre, e eu continuei até à unidade de demência.

Fui dar com a minha avó na sala de convívio daquela ala (muito mais pequena que a nossa, até porque, tirando um coro de vez em quando, eles quase não tinham atividades), a olhar pela janela. Perguntei-me o que estaria ela a ver, porque não parecia concentrada nem nas nuvens nem nas plantas lá fora.

— Olá, avozinha — disse eu.

Sentei-me ao lado dela e peguei-lhe na mão. Alguém lhe tinha pintado as unhas, e esse toque de ternura encheu-me de novo

os olhos de lágrimas. Ela sempre tinha gostado de se arranjar, a minha avó. Até o escrevi no formulário «acerca de mim» que estava ao lado da cama dela para ser consultado pelas cuidadoras.

— Estás muito bonita — acrescentei. Ela virou-se para mim, com os olhos vivos a examinarem-me o rosto.

— Stephanie — reconheceu-me.

O coração saltou-me no peito.

— Sou eu, avozinha. Como é que te sentes?

— Estava a dançar.

— A sério? — Eles costumavam pôr música para os residentes naquela ala do Tall Trees. — E com quem é que dançaste?

Ela esticou-se para mim.

— Sozinha — respondeu. Deu-me uma palmadinha no joelho com a mão. — Nunca confies em nenhum homem — acrescentou. — Uma rapariga precisa da sua independência.

— Tens toda a razão, avozinha.

— Eu tenho uma neta — disse ela. Sentou-se um pouco mais direita, com um ar orgulhoso. — Chama-se Stephanie, e é uma rapariga muito independente.

Assenti.

— Sou eu, avozinha. Eu sou a Stephanie.

Ela piscou os olhos para mim.

— Oh... Quem diria!

Pus os braços à volta dela e abracei-a com força.

— Gosto sempre tanto de estar contigo.

— São gémeos, sabias? A Stephanie e o Max. Um casalinho. Um par de malandros, como costume chamar-lhes. — Ela riu-se e respirou fundo.

— Eu sei, avozinha.

— Stephanie? — disse a minha avó. — Onde está o Max? Quando é que ele me vem visitar?

Eu já sabia que a pergunta vinha aí, mas não se tornava mais fácil por isso. Uma das enfermeiras tinha-me pedido para ignorar

os esquecimentos da avó, explicando-me que era um bocado stressante para ela estar sempre a ser corrigida. Tal como também era stressante para mim ter de repetir a mesma história horrível uma e outra vez. Então, esforcei-me por sorrir, embora os meus lábios não me quisessem obedecer.

— O Max está... — Sustive a respiração, a tentar lembrar-me de uma desculpa. — Ocupado — menti. — O Max está ocupado.

A minha avó fitou-me carinhosamente.

— É tão bom rapazinho — disse ela. — Está de férias, é isso?

Revirei os olhos. Não eram exatamente umas férias, e o Max não era exatamente o que se podia chamar «um bom rapazinho».

— Teve de se ausentar, sim.

— Ele há de vir visitar-me amanhã.

Cerrei os lábios, sentindo a ansiedade a crescer-me no peito enquanto a testa ficava húmida de suor. Era cada vez mais difícil mentir-lhe, mas também achava que se lhe dissesse seria ainda pior.

— Não sei, avozinha — respondi baixinho, tentando acalmar a respiração.

— Pode ser que venha amanhã — repetiu a minha avó.  
— O meu netinho, o Max.

Engoli em seco.

— É capaz.

A minha avó virou-se outra vez para a janela com um ar satisfeito, e aproveitei para amaldiçoar pela milésima vez o idiota do meu irmão egoísta que tinha conseguido ir parar à prisão, deixando-me sozinha a apanhar os cacós.

**Um romance inesquecível sobre o amor,  
a perda e uma escolha impossível,  
baseado numa história verdadeira.**

**Londres, 1940:** Quando a enfermeira Elsie se oferece para enviar uma carta tranquilizadora à família de um doente, tem uma ideia: compilar um livro de últimas cartas e mensagens a enviar aos entes queridos dos soldados feridos, caso aconteça o pior, para que ninguém fique sem um último adeus. Há, todavia, uma mensagem que acaba por mudar a vida de Elsie para sempre. Face a um pedido devastador por parte de um doente, será Elsie capaz de encontrar forças para fazer o impensável?

**Londres, nos dias de hoje:** Stephanie tem muitas pessoas com quem gostaria de falar: o irmão de quem se afastou, a quem dirigiu as suas últimas palavras com raiva; a avó, cuja demência faz com que apenas ocasionalmente esteja lúcida o suficiente para conversar... Ao deparar-se com um livro de cartas da época da guerra, Stephanie apercebe-se da importância das nossas últimas palavras – e descobre a história de um amor secreto, de uma escolha desesperada e da coragem inimaginável da mulher por detrás de tudo isto.

**«Comovente, mas tão inspirador...  
Kerry Barrett tem realmente um enorme talento.»  
Nicola Cornick**

**Da mesma autora:**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

Instagram Facebook Twitter YouTube penguinlivros

ISBN: 978-989-596-083-5



9 789895 960835